

NÃO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3728 — BISSAU

CAMARADA LUIZ CABRAL REGRESSA DE CABO VERDE

O camarada Luiz Cabral, Secretário-Geral-Adjunto do PAIGC e Presidente do Conselho de Estado, regressa esta manhã a Bissau, depois de uma visita triunfal de uma semana à República irmã de Cabo Verde.

O camarada Presidente, que viajou acompanhado de uma importante delegação do nosso Partido e Estado, teve oportunidade, durante a sua permanência no arquipélago de Cabo Verde, de se avistar com o camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República irmã, e com vários outros dirigentes daquele país.

Se os contactos de alto nível estabelecidos na Praia se revestiram de grande importância para o fortalecimento da unidade entre os dois países, para o estudo de problemas comuns e para a troca de pontos de vista inerentes à realização do III Congresso do Partido, não foram menos significativos, pela forma espontânea e calorosa como se manifestaram os encontros do Presidente Luiz Cabral com a população do Arquipélago.

O camarada Luiz Cabral visitou várias ilhas de Cabo Verde e praticamente em todo o lado teve oportunidade de falar ao povo amigo e irmão daquelas terras. A sua presença despertou em toda a parte o mesmo acolhimento fraternal e o mesmo entusiasmo eufórico com que, na quinta-feira passada, foi recebido no aeroporto da Praia e em



todas as ruas da capital por onde o cortejo presidencial passou.

Foi este acolhimento, prova indelével de que o povo de Cabo Verde deseja a unidade real com a Guiné-Bissau, que levou o camarada Aristides Pereira a afirmar, numa das muitas ocasiões em que os dois dirigentes tiveram oportunidade de usar da palavra, que a presença de Luiz Cabral em Cabo Verde «é a melhor resposta que damos aos saudosistas de todos os quilates da época colonial».

NA ILHA DO FOGO

O Presidente Luiz Cabral e a sua comitiva visitaram nomeadamente as ilhas de Santiago, do Fogo, do Sal e de S. Vicente.

A deslocação à Ilha do Fogo efectuou-se na segunda-feira, tendo sido o camarada Luiz Cabral acompanhado pelo camarada Aristides Pereira.

(Continua na Pág.º 3)

ECONOMIA

As importações da Guiné-Bissau, no mês de Julho de 1975, diminuíram em relação aos meses anteriores do ano passado, tendo atingido o mais baixo valor de sempre, com 36 mil 806 contos de mercadorias importadas. No mês anterior, em Junho, este valor atingira mais de 49 mil e 100 contos.

Estes bons indícios, fornecidos pelo «Boletim Mensal de Comércio Externo», da Direcção-Geral de Estatística e Planificação, do Comissariado de Estado de Desenvolvimento Económico e Planificação, são no entanto «toldados» pelo facto de, no mesmo período (Julho de 1975), as exportações do País terem baixado, em valor, de 30 mil, 578 contos, em Junho, para 21 mil, 166 contos. (Ver página 2)

COMBATE À LEPROA

Antigamente, a lepra era uma doença considerada com desprezo e praticamente incurável, que obrigava a um isolamento quase total do doente. Nos nossos dias, com os progressos da ciência, novas perspectivas se abrem ao tratamento desta endemia. Essas perspectivas estão à vista na Leprosaria da Cumura, a poucos quilómetros de Bissau, confiada desde há mais de vinte anos a uma Missão Católica de padres italianos. (Centrais).

PRESIDENTE AGOSTINHO NETO EM BISSAU, PRAIA E CONAKRY NA PRÓXIMA SEMANA

O NOSSO POVO PREPARA GRANDIOSA RECEPÇÃO

É já na próxima terça-feira que chega a Bissau o camarada Agostinho Neto, presidente do MPLA e da República Popular de Angola, cuja visita ao nosso País fora anunciada

pelo camarada Nino Vieira no comício do Dia Internacional da Mulher.

Agostinho Neto vem de Conakry num avião especial. A sua chegada à República

da Guiné está prevista para domingo. O Presidente da República Popular de Angola viaja acompanhado por uma importante delegação, constituída por cerca de 60 pessoas, de que fazem parte representantes das organizações da Juventude, das Mulheres e dos sindicatos angolanos. Também o acompanha um conjunto musical do seu País.

O camarada Agostinho Neto deve permanecer entre nós apenas, um dia, seguindo na quarta-feira para a República irmã de Cabo Verde.

A visita à Guiné-Bissau, neste momento, do camarada Agostinho Neto, reveste-se de particular significado. O nosso País acaba de consolidar a sua independência, com a emissão da moeda nacional. A República Popular de Angola, por sua vez, depois das retumbantes vitórias militares do MPLA contra os lacaios do imperialismo, tem vindo a ser reconhecida por inúmeros países de África e de todo o mundo, tendo sido admitida na Organização da Unidade Africana por esmagadora maioria de votos dos seus membros.

Assim a visita do Presidente da R.P.A. e da sua delegação, além de selar a amizade entre dois povos e partidos que forjaram os seus laços de entreajuda na luta contra o inimigo comum, o colonialismo português, permitirá um encontro entre dois Estados soberanos, unidos no mesmo combate contra a exploração do homem pelo homem.

FRANCISCO MENDES:

“O XXV CONGRESSO DO P.C.U.S. FOI UMA GRANDE EXPERIÊNCIA”

O PAIGC esteve presente no 25.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que terminou em Moscovo no passado dia 5, através de uma delegação que regressou ontem à tarde a Bissau.

Esta delegação, que integrava representantes do Partido na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, era chefiada pelo camarada Francisco Mendes, membro do Secretariado Permanente do Comité Executivo da Luta e Comissário Principal do Conselho de Comissários de Estado.

No regresso de Moscovo, o camarada Chico Té falou-nos de modo bastante sobre a estadia da nossa delegação na U.R.S.S., referindo as lições aprendidas neste acontecimento que foi o 25.º Congresso do P.C.U.S., os contactos a nível de Estados com dirigentes daquele país, as conversações com delegações de outros partidos e os encontros com os nossos jovens que ali efectuam os seus estudos.

«O 25.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética teve início no dia 24 do mês de Fevereiro. Primeiro, foi efectuado o relatório do Secretário-Geral do Comité Central do PCUS, camarada Leonid Brejnev, que fez uma exposição de todos os sucessos obtidos após o 24.º Congresso, realizado há cinco anos».

«No balanço feito destacaram-se principalmente os progressos que o povo soviético conseguiu alcançar em diversos campos, nomeadamente no da ciência, cultura e vários outros. Es-

ses sucessos mostram-nos claramente a grande elevação de nível de vida daquele povo».

«No plano externo, foi destacada principalmente a vitória do povo soviético no que respeita à política de paz, tendo sido realçados igualmente os sucessos dos movimentos de libertação nacional nos países de África e da Ásia. É de se recordar que no programa traçado pelo 24.º Congresso todos esses aspectos foram considerados como objectivos a atingir. Neste último congresso, todos esses objectivos tinham sido atingidos e, em alguns domínios, ultrapassados».

«No que respeita ao problema da segurança foi destacada a assinatura de uma convenção geral entre as grandes potências do mundo. Esse documento foi elaborado em Helsínquia, onde se destacou grandemente a política de paz da União Soviética».

«No que respeita aos países do «Terceiro Mundo», quer os que se encontravam sob o domínio colonial, quer os que conquistaram a sua independência mas que economicamente são fracos, foram assinalados grandes êxitos devido à política de coexistência pacífica e de bom entendimento com regimes sociais diferentes aplicada pela União Soviética. Essa política deu grande resultado, porque contribuiu para que vários povos na Ásia e na África conseguissem conquistar a sua independência».

«Destacou-se, sobretudo a

(Continua na página Central)

NO PRÓXIMO NÚMERO:
ENTREVISTA
COM O COMISSÁRIO
DA SAÚDE

NO MÊS DE JULHO DE 1975

HISTORIADOR SOVIÉTICO EM BISSAU

A fim de organizar e programar uma expedição mista com os nossos peritos, para futuros estudos científicos e históricos da Guiné-Bissau, chegou ontem de manhã ao nosso país, via Dakar, o dr. Valentin Gorodnov, membro de Instituto de Estudos Africanos da Academia de Ciências da URSS. Durante a sua estadia no nosso país, visitará diversas regiões da nossa terra.

O dr. Valentin Gorodnov foi recebido no aeroporto pelo camarada Mário Cissoko, director do Museu Nacional e do Centro de Estudos da Guiné-Bissau.

IMPORTAÇÕES FORAM REDUZIDAS

Quais foram as nossas principais importações, no sétimo mês do ano findo? Os números oficiais agora divulgados confirmam o que anteriormente se verificava: importámos, sobretudo, têxteis (essencialmente, tecidos), materiais de construção e instrumentos de trabalho, produtos minerais (gasolina, outros combustíveis e lubrificantes, e cimentos) e produtos alimentares, bebidas e tabacos, salientando-se, neste capítulo, o arroz, farinha, batatas e cebolas.

Quanto às exportações, elas são na sua quase totalidade produtos de origem vegetal: mancarra sem casca e coconote, para Portugal (que depois importamos, sob forma de produtos manufacturados...).

Em percentagem, nos primeiros sete meses do ano passado — de Janeiro a Julho — cerca de 40 por cento do total das nossas importações referem-se a produtos alimentares, bebidas e tabacos. Mais de metade das im-

portações deste tipo foram de arroz, que constitui a base da alimentação do nosso povo e que, agora mais do que nunca, devemos produzir no País para as necessidades e para exportação. Por outro lado, as gasolinas e os cimentos representam, naquele período, 16,6 por cento do total de importações, sendo os têxteis, 15,4 por cento, e os automóveis, motocicletas e peças e acessórios, 7,4 por cento.

Também no quadro das ex-

portações, os dados estatísticos publicados, referentes a Julho, confirmam o que se passava na primeira metade do ano passado: 77 por cento das nossas exportações são constituídas por mancarra, coconote, milho e feijão, e 11,7 por cento dizem respeito a madeira de bissilão serrada e a tacos de madeira para pavimentação.

De onde importa a Guiné-Bis-

(Continua na Pág. 3)

8 de Março: exposição no Comité do Bairro 24 de Setembro

No quadro das actividades preparatórias que antecedem as homenagens prestadas no 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, às mulheres da nossa terra, teve lugar no sábado na sede do Comité do Bairro de «Setembro» uma palestra proferida pela camarada

LILICA BOAL, Directora do Instituto Amizade. A mesa da Presidência da sessão era constituída pelos camaradas VASCO CABRAL, membro do Comité Executivo de Luta e Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação, e NICOLAU SANOI, membro do Comité do Bairro e pela oradora.

A palestra da camarada LILICA BOAL, que foi bastante completa e interessante, focando os aspectos essenciais da luta pela emancipação da mulher no mundo e na nossa terra, seguiu-se dum debate, no qual interveio o camarada VASCO CABRAL, que deu escla- recimentos complementares. Após a sessão, inaugurou-se na Sede do Comité do Bairro uma exposição de fotografias relativas à luta das mulheres em vários países da África, Ásia, América Latina e Europa para edificarem um mundo de paz e de progresso, os homens e as mulheres, em pé de igualdade, caminhem lado a lado e se liberem definitivamente da exploração, da tirania e da miséria. Esta exposição continuará aberta até ao fim da semana e, por isso, o Comité do Bairro de «Setembro» convida os habitantes de Bissau a visitá-la.

No prosseguimento das actividades comemorativas do dia 8 de Março alguns habitantes do Bairro do «Setembro», realizaram no domingo trabalho voluntário, tendo-se removido o lixo acumulado num terreno anexo às instalações dos antigos Correios. As mulheres compareceram em maior número do que os homens.

NO GABU

O Dia Internacional da Mulher, a exemplo do que aconteceu nas outras regiões do País, foi celebrado na região do Gabú, com a participação de todos os comités de sector e comités de base.

Como convidado de honra às comemorações, esteve presente o camarada Honório Chantre, do CEL do Partido, membro do Estado-Maior das FARP, e secretário-geral do Comissariado das Forças Armadas, chefiando uma delegação constituída por representantes da Comissão Feminina do PAIGC, onde se destacavam as camaradas Lucette Cabral, esposa do camarada Presidente do Conselho de Estado,

(Continuação da pág. 3)

RESPONDE O POVO

Que pensa da visita de Agostinho Neto?

A próxima terça-feira não vai ser um dia qualquer: vamos ter entre nós o camarada Agostinho Neto, presidente do MPLA e da República Popular de Angola, que foi amigo pessoal do saudoso Amílcar Cabral quando ainda estudantes, juntamente com outros camaradas, estudavam a melhor maneira de libertar as nossas terras do domínio colonial-fascista de Portugal, e que continua a ser grande amigo do nosso país. A notícia, dada em primeira mão no comício do 8 de Março, causou natural entusiasmo entre as mulheres presentes, que deixaram «explodir» a sua alegria em vivas ao MPLA, ao seu presidente e ao povo de Angola. Hoje, quisemos saber o que pensa da próxima visita do camarada Agostinho Neto o cidadão comum, aquele que encontramos ao virar de uma esquina de Bissau. Os resultados do nosso inquérito aí estão.

AURÉLIO L. RODRIGUES
(Estudante)

Penso que a visita do camarada Agostinho Neto, é mais uma prova de solidariedade e de amizade que existe entre o nosso povo

e o povo angolano.

É motivo de júbilo recebermos aqui na nossa terra esse filho digno de África, que acabou de sair vitorioso de uma guerra movida pelos imperialistas e os seus lacaios internos UPA/FNLA e UNITA. Vitória essa que o nosso povo deve acolher com orgulho, devido à amizade entre os nossos dois povos.

O nosso povo deve manifestar-lhe toda a sua estima, toda a sua admiração e todo o seu carinho, pois a luta que ele conduz é a nossa própria luta. Por outro lado sabemos que o camarada Agostinho Neto, foi companheiro do camarada Amílcar Cabral desde os tempos estudantis.

BRAIMA DJAWARA
(Motorista de Táxi)

Estou muito satisfeito com a visita do camarada Agostinho Neto ao nosso País, porque é um presidente de um país irmão.

Já recebemos a visita de muitos presidentes do nosso Continente, mas entendo que o camarada Neto deve ter honras especiais, pois ele é amigo

pessoal do nosso saudoso líder, o camarada Amílcar Cabral. O nosso povo deverá testemunhar ao camarada presidente a nossa admiração e a nossa solidariedade para com o povo angolano na sua luta contra os cessionistas da UPA/FNLA e UNITA.

MARCELINO C. FERREIRA
(Empregado de balcão)

O camarada presidente Agostinho Neto, deve ser recebido na sua visita ao nosso país com honras especiais. Esta minha afirmação não quer dizer que eu seja separatista.

Todos nós, africanos dignos desse nome, sabemos o que se passa em Angola, e que o camarada presidente tem conduzido calmamente o povo angolano na sua segunda luta de libertação nacional, contra os fantoches internos, manipulados do exterior.

Acho que o nosso povo deve manifestar ao camarada presidente todo o carinho e a admiração, mostrando-lhe como tantas vezes o temos feito, que estamos com o povo angolano na sua luta contra o imperialismo.

NO PINTCHA

Orgão do Comissariado de Estado de Informação e Turismo
Trissemestral Nacional de Informação

Sai às Terças, Quintas e Sábados

Preço: 2\$50

Redacção, Administração e Oficinas: Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

• Publicidade: 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

1 ano 400\$00

6 meses 250\$00

Outros Países Africanos

e Portugal

1 ano 500\$00

6 meses 300\$00

Serviços de Distribuição

• Vendas do «NO PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINÉ-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

AMANHÃ — «HIGIENE» — Rua António N'Bana, telefone 2520.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes:
Banco — 2866/2867
Bombeiros — 2222

Polícia:

1.ª Esquadra — 3333

2.ª Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Rádiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4 (TAG-B)

TAP — 3991/3

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7 às 17 horas)

Assistência à rede eléctrica - 2414

(das 16 às 24 horas)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RÁDIO

EMISSIONES:

Das 6 às 8; das 12 às 15 e das 17 às 24 horas.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13, 15, 17, 20 e 21 horas.

AGENDA DO DIA:

As 18,45 horas.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 20,45 horas
— «CIRCO DOS VAMPIROS» — m/18 anos.

CABO VERDE

LUIZ CABRAL REGRESSA HOJE

(Continuação da 1.ª pág.)

Após cumprimentarem as autoridades locais, que os aguardavam no aeroporto de S. Filipe, os dois Presidentes dirigiram-se para o centro da cidade, onde se realizou um comício, que foi transmitido directamente pela Emissora Nacional. Tanto o camarada Luiz Cabral como o camarada Aristides Pereira usaram da palavra, depois de terem sido

apresentados à população pelo camarada Jota-Jota, comissário político das FARP.

A seguir, os dois líderes dirigiram-se para Cova Figueira, onde foram recebidos entusiasmamente pela população, que empunhava cartazes e entoava estribilhos contendo algumas palavras de ordem do nosso Partido, particularmente sobre a «unidade Guiné-Cabo Verde».

As Caldeiras foi o segundo ponto a ser visitado, após o que se efectuou a viagem de regresso a S. Filipe. Aqui, as delegações almoçaram, tendo visitado o novo cais da ilha, no vale de Cava-leiros, antes de regressarem à Praia.

Na terça-feira, o Presidente Luiz Cabral visitou a ilha de S. Vicente, uma das mais importantes zonas de Cabo Verde.

Camarada Presidente Cidadão honorária de Cabo Verde

De acordo com o programa traçado, o camarada Presidente Luiz Cabral e a sua comitiva, reuniram-se com o Secretariado Permanente do PAIGC em Cabo Verde e o Governo da República irmã, tendo no final da reunião sido distribuído o seguinte comunicado:

«No salão do Conselho de Ministros realizou-se uma importante reunião entre os camaradas da nossa delegação e da República de Cabo Verde, formada pelos membros do Secretariado Permanente de Cabo Verde do PAIGC e pelos membros do Governo.

O camarada Aristides Pereira abriu a sessão apresentando a delegação, aos camaradas da delegação de Cabo Verde.

A seguir, o camarada Pedro Pires, fez um breve relatório das actividades dos diversos departamentos do Governo de Cabo Verde nestes oito meses de independência, salientando as dificuldades encontradas e herdadas do colonialismo.

O camarada Olívio Pires na qualidade de membro do Secretariado Permanente ligado ao departamento da organização e ideologia da CNCV fez também um resumo sucinto da divisão e estruturação do Partido em Cabo Verde e relatou as diversas fases que já passou a organização do Partido desde 25 de Abril até à presente data.

No final falou o camarada Luiz Cabral, Presidente da República da Guiné-Bissau que

expressou a sua satisfação e alegria por se encontrar pela primeira vez em Cabo Verde numa reunião do Governo, fazendo um apelo a todos para que não se espantassem com as dificuldades encontradas pois só há ainda oito meses de vida da República irmã. Pediu a todos os presentes que fossem práticos e realistas no trabalho e nas actividades concretas, pois como dizia o camarada Amílcar Cabral, não se pode saltar a parede sem se aproximar da parede. Apelo a todos para que em cada actividade concreta tivessem em mente as perspectivas da unidade entre a Guiné e Cabo Verde, objectivo maior do nosso Partido.

Antes de terminar a reunião, o camarada Aristides Pereira entregou ao camarada Luiz Cabral um passaporte de cidadão caboverdiano, como símbolo da atribuição da qualidade de cidadão caboverdiano. A atitude foi aplaudida e sublinhada por todos os presentes.

Terminou com uma recepção oficial à noite no Palácio da presidência oferecida pelo camarada Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde e sua esposa camarada Carolina Pereira, tendo assistido todos os membros da direcção do nosso Partido e Estado de Cabo Verde, bem como o corpo diplomático acreditados na nossa terra irmã e das organizações de base do Partido da ilha de Santiago».

O PAÍS

8 DE MARÇO

(Continuação da pág. 2)

Maria Augusta Mendes (Tchuthcha), esposa do camarada Comissário Principal e Zézinha Chantre, esposa do camarada Honório Chantre.

No comício realizado em frente da sede do Comité de Estado da região, usaram da palavra os camaradas Lay Seck, presidente do Comité de Estado da região, Lucette Cabral, Ussumane Jamanca e Fátima Dabó, os quais abordaram temas alusivos à emancipação da mulher.

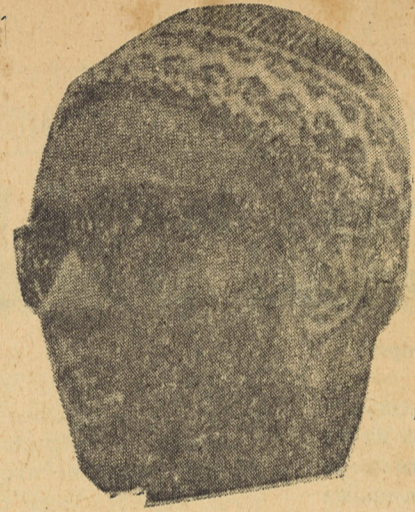
Após o «meeting», realizou-se um almoço de confraternização na Granja Agrícola de Lenquerim.

Cerca das 18 horas foi inaugurada a Escola «Caetano Semedo» sita defronte à sede do Comité de Estado da região.

EM TITE

Uma delegação da Comissão Feminina do PAIGC, chefiada pela camarada Silvina Vaz da Costa, presidiu a um grande comício nesta vila, para comemoração do Dia Internacional da Mulher (8 de Março).

Neste comício participaram além do presidente do Comité de Estado da região, camarada Quinto Cabi Nayana, muitos outros responsáveis do nosso Partido e Estado, tendo-se registado a presença de centenas de mulheres, homens e pioneiros que, na abertura da sessão comemorativa, cantaram o Hino Nacional.



Amílcar Cabral

Como caímos nas mãos dos «tugas»

«Ele aceitou e veio falar com o rei pepel e prometeu-lhe que os seus direitos seriam respeitados, que Portugal não tomaria a sua terra, de maneira nenhuma, e que lhe pagaria impostos, etc. Fez mesmo um contrato escrito. Enquanto isso, foi combinado com os tugas que grandes forças saíam de Portugal, de Lisboa, para Guiné. Quando chegaram massacram em grande os pepéis.»

«Doutra vez, num contrato que Honório Barreto fez, com o régulo de Djéu de Rei, aquele Ilheu diante de Bissau, para não aborrecer os tugas, vinha a promessa seguinte: esse rei não se meteria com os tugas, não lhes faria guerra. Os tugas dar-lhe-iam tantas armas de fogo, tantas barras de ferro e tantos litros de cana, por ano. Isso está num contrato assinado, arquivado em Lisboa, que eu li. Estou a dar-vos uma ideia, de como é que Honório Barreto soube de facto servir Portugal bem.»

«Com os seus planos, ele conseguiu de facto pôr a Guiné nas suas mãos, entregá-la ou não os tugas, conforme ele quisesse. Porque naquela altura em que ele tinha a Guiné completamente nas suas mãos, surgiram os ingleses e os franceses que também queriam a Guiné. Os ingleses queriam Bolama, e os franceses queriam vir de Casamansa para baixo, descer e tomar tudo. Honório Barreto foi grande «patriota» português. Resistiu com força, não aceitou nenhuma promessa nem oferta que os franceses e ingleses lhe fizeram, guardou a Guiné inteira para os tugas. Os tugas têm razão em pôr a estátua de Honório Barreto na nossa terra. Sem Honório Barreto a Guiné não seria dos tugas. Isso é verdade. Mas nós devemos ter respeito por Honório Barreto. Podemos criticá-lo na sua atitude, mas foi um homem de valor. Para aquela altura, com aquela mentalidade, como indivíduo que saiu do nosso povo, mas que foi educado por portugueses, no meio de portugueses, falando bom português, tocando a sua guitarra, cantando fados, etc., não tinha outra coisa a fazer, senão isso, camaradas. Esse era o seu trabalho e ele fê-lo bem feito, portanto era um homem de valor. Podemos hoje, não entender que descendentes de Honório Barreto, por exemplo; como Alvarenga (porque a nha Rosa chamava-se Rosa Alvarenga, João Barreto e Rosa Alvarenga deram os Carvalhos Alvarengas, etc. etc., Barreto, toda uma família, duas famílias que se juntaram, formando gente fina da nossa terra, como o nosso camarada Barreto que está aí sentado), mas hoje podemos entender que algum descendente de Honório Barreto diante deste fenómeno novo, de luta de nosso povo e da independência da África, a independência de todos os povos do mundo, com as lutas de libertação por todos os lados, isso talvez qualquer um de nós preferisse fazê-lo, se tivéssemos a sua educação e se tivéssemos vivido naquele momento da História em que ele viveu. Mas hoje os descendentes do Honório Barreto, que foram ou não à escola e preferem ainda os tugas; esses já não têm perdão.»

«Os camaradas viram portanto, de onde é que saímos, como é que caímos nas mãos dos tugas.»

«Quanto a Cabo Verde, os camaradas sabem, não houve conquista de Cabo Verde. Cabo Verde não são ilhas que foram «achadas» naquela altura, pelos tugas. Depois que eles encontraram a ponta de África, onde está hoje DaKar, dada a sua verdura, pois na altura em que fora descoberta estava bastante verde, e como é um cabo, quer dizer, pedaço de terra que entra pelo mar dentro, chamaram-lhe Cabo Verde. A essa ponta hoje chama-se DaKar. Passados poucos dias, avançando no mar, encontraram umas ilhas e como estavam junto de Cabo Verde chamaram-lhes Ilhas de Cabo Verde. Cada ilha tomou o seu nome.

Importações foram reduzidas

(Continuação na página 2)

sau, para onde exporta os seus produtos? Portugal, antiga potência colonial, ocupa o primeiro lugar nas importações (compramos, em Julho, àquele país, 66 por cento do total das nossas importações) e nas exportações (no mesmo mês, vendemos aos portugueses 97,9 por cento dos nossos produtos exportados!). O comércio efectua-se sobretudo com os países europeus, da OCDE, CEE e EFTA, tendo, em Julho, o nosso país importado de

África apenas 3,1 por cento das suas necessidades, e exportado só 1 por cento do total!

De acordo com os números publicados pelo Boletim a que nos temos vindo a referir, o saldo negativo da nossa balança comercial, em Julho, foi de 15 mil, 640 contos, o que eleva para 266 mil, 301 contos o total negativo da balança comercial do país, nos primeiros sete meses do ano de 1975.

Da análise superficial destes dados estatísticos, ressalta a extrema debilidade da nossa eco-

nomia, herança trágica do colonialismo, a nossa grande dependência em relação a países estrangeiros. Ressalta, também, a necessidade de, todos juntos, sob a direcção do Partido e do Governo, trabalharmos cada vez mais, para aumentarmos a nossa produção (o que representará mais exportações e menos importações) e edificarmos uma nova economia, ao serviço dos reais interesses do povo, consolidando assim a independência nacional.

FRANCISCO MENDES NO REGRESSO DE MOSCOVO:

"O Congresso do P.C.U.S. foi uma grande experiência para nós"

(Continuação da 1.ª página)

conquista da independência e liberdade social dos povos da Indochina, Cambodja, Laos e do Vietnã e também a conquista da independência pelos povos das antigas colónias portuguesas da Guiné, Cabo Verde, S. Tomé, Angola e Moçambique. Recentemente registou-se a agressão imperialista ao povo de Angola, mas o povo angolano saiu vitorioso, sob a direcção da sua vanguarda revolucionária, o MPLA.

MONUMENTO À MEMÓRIA DE AMÍLCAR CABRAL

«A orientação do 25.º Congresso, que terminou no dia 5 de Março, num sentido geral, continua a ser marcada pela mesma política, tanto no plano interno como no externo. No plano interno, foi decidido reforçar o trabalho do povo soviético no sentido de melhorar as suas condições de vida. Para isso, será dispendido um maior esforço na agricultura e na indústria, melhorando, assim, não só a quantidade como também a qualidade dos produtos».

«No plano externo, decidiu-se continuar com a política de paz, pois está confirmado que esta política traz benefícios não só ao povo soviético mas também a todos os outros povos do mundo. Também será continuada a política de coexistência pacífica entre nações com regimes sociais diferentes e de apoio aos movimentos de libertação dos países em luta».

«No que respeita ainda ao problema de coexistência pacífica, foi demonstrado claramente, no relatório do secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, que esta política não significa, como pode ser tomada por vários meios imperialistas e reacçãoários, que a União Soviética, como uma potência que sempre se colocou ao lado dos povos oprimidos, fique de mãos cruzadas deixando que os imperialistas disponham desses povos da maneira como entenderem. A coexistência pacífica significa, sim, a ajuda aos movimentos de libertação a fim de todas as nações oprimidas ou pequenas possam ser livres e soberanas».

«Ainda dentro do programa do 25.º Congresso, foi decidido organizar uma reunião internacional em que todas as nações tomarão o compromisso da não utilização de armas para a resolução dos problemas políticos. Nesse aspecto, foi ainda tomada a decisão de lançar um apelo a todos os estados fascistas e colonialistas, no sentido de concederem a liberdade a todas as pessoas que lutem pela libertação nacional e social dos povos, e que se encontram actualmente detidos nas prisões fascistas, entre os quais se destaca o secretário-geral do Partido Comunis-

ta do Chile, que se encontra actualmente preso e vai ser submetido a julgamento».

«Um outro aspecto também muito importante naquele relatório, que toca todos os povos e nações que lutaram pela sua liberdade, foi a decisão adoptada e apoiada unanimemente pelos congressistas, referentes à construção, em Moscovo, de um monumento à memória de todos os heróis que tomaram na luta pela liberdade do seu país, entre os quais foi justamente destacada a memória do camarada Amílcar Cabral, um destacado combatente que deu a sua vida pela liberdade do seu povo».

ENCONTRO COM OS NOSSOS ESTUDANTES

«Mas, como é habitual, em todas as deslocações que os camaradas do nosso Partido e Estado ao estrangeiro, além dos encontros oficiais, tivemos outros encontros, sobretudo porque a União Soviética é um país com quem já temos grandes laços de amizade e cooperação. Uma parte da delegação dedicou o seu tempo a visitar os nossos estudantes, nas várias repúblicas onde se encontram. Contactámos os nossos estudantes em Ivanov, pois temos ali vários estudantes e muitos deles ainda não tiveram a oportunidade de vir conhecer a Guiné-Bissau, porque são crianças enviadas para ali desde os tempos da luta a fim de efectuarem os seus estudos. Tivemos igualmente uma reunião com os nossos estudantes em Moscovo, com estagiários da CONSOMOL, da Escola Política do Partido e do Sindicato. A mesma delegação seguiu depois para Azerbajam, cuja capital é Bacum, para entrar em contacto com os nossos estudantes ali radicados».

FRANCISCO MENDES E ÁLVARO CUNHAL

«Além disso, tivemos um en-

contro com a delegação do Partido Comunista Português, chefiada por Álvaro Cunhal, para uma troca de experiências entre os dois partidos e também para examinarmos juntos quais as possibilidades de contactos permanentes, no sentido de estreitar cada vez mais os laços de amizade sempre existentes entre o PAIGC e o PCP».

«Aqui, lembramos mais uma vez que as relações entre o nosso Partido e o Partido Comunista Português são relações de há longa data porque desde a fundação do PAIGC o camarada Cabral sempre dizia que o PCP é, de facto, um partido sério, porque atravessou duros anos de fascismo, sempre esteve na vanguarda da libertação total do povo português e sempre defendeu no seu programa a liberdade para os povos coloniais, portanto, também, a nossa liberdade».

«Foi assim que durante a nossa conversa, trocámos algumas experiências e ficou decidido que viriam a ser estabelecidos contactos ulteriores».

CONTACTOS A NÍVEL DE ESTADOS

«Tivemos também, no âmbito das relações a nível de Estados entre a República da Guiné-Bissau e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, um encontro de trabalho com o vice-ministro e encarregado de relações com os países africanos, onde examinámos de perto o desenvolvimento da cooperação, à luz do protocolo do acordo assinado o ano passado entre os nossos dois países. No balanço das nossas realizações concretas no âmbito do referido protocolo, destacamos alguns pontos de facto muito importantes para o desenvolvimento das nossas relações económicas».

(Continua na página 8)



A Leprosaria da Cumura, confiada há mais de duas décadas, pelo governo português, a uma missão de padres italianos, é um exemplo de dedicação desinteressada pelo povo da nossa terra. Enfrentando toda a espécie de dificuldades materiais e políticas (designadamente perseguições pela PIDE), a Missão conseguiu transformar o pequeno e pobre hospital deixado pelos Portugueses num serviço capaz de acorrer às necessidades de toda a população da Guiné-Bissau e até do estrangeiro, quer hospitalarmente, quer tratando-a no domicílio. Do tratamento de doentes até à sua integração na sociedade, passando pela profilaxia da lepra junto dos familiares e pelo quebrar do isolamento dos leprosos, nada foi descurado, segundo tivemos oportunidade de observar na visita que efectuámos àquele estabelecimento.

«Nós sempre contámos com dificuldades. As dificuldades existem em toda a parte do mundo e fazem parte da vida do homem. Os meus vinte e um anos de permanência aqui ensinaram-me que, para uma pessoa conseguir alguma coisa de bom, tem que lutar sempre». Não é por acaso que o camarada Padre Cettímio Frezette, chefe da Missão Católica da Cumura, nos faz esta afirmação. As pessoas conscientes dos seus deveres perante a realidade não se mantêm inertes, aguardando que a sorte lhes caia do firmamento. Aquele camarada salienta: «O povo não é cego. Quando alguém trabalha para o povo, o povo vê e reconhece-o muito bem».

O camarada padre Cettímio Frezette ao contar-nos a história da leprosaria da Cumura, instalada pelo Governo português em 1954 e que mais tarde viria a ser abandonada às mãos da Missão, pela indecisão do Governo colonial, falava com uma voz emocionada, saída de uma consciência cheia de esperança no futuro, embora se notasse, nas mãos e na face enrugada, o sinal de muitos sacrifícios sob o sol quente da Guiné-Bissau.

O pouco tempo que «Nô Pintcha» demorou no estabelecimento foi suficiente para se aperceber do grande trabalho empreendido por aqueles missionários, numa luta pela sobrevivência dos pobres doentes, à distância de uma escassa dúzia de quilómetros da capital.

Junto à igreja, via-se uma casa de paredes desgastadas pelo tempo, ladeada por um pavilhão da enfermaria, pela maternidade e por um edifício onde se lê «LAR JOÃO XXIII». Ali brincavam crianças meio nuas debaixo das mangueiras e cajueiros do quintal.

Vários homens ocupavam-se na outra berma da estrada na construção de um edifício, que será a futura habitação dos missionários, pois até agora têm vivido num pavilhão-carpintaria situado atrás da antiga escola.

Da Missão para o hospital da leprosaria, num percurso de cerca de 400 metros, as bermas da estrada estão cobertas por uma extensa plantação de cajueiros. Um homem vestido de branco, de cócoras, fazia curativos aos doentes. Era frei Epifânio, que não cessava de lhes dirigir palavras de consolação e, por vezes, de riso, tentando transmitir-lhes mais força e vontade para en-

frentarem os sacrifícios. «Temos agora cento e dois internados. Mas, há 15 dias, eram noventa e seis, e o número pode, assim, variar de um momento para outro», disse-nos o padre Cettímio.

Algumas mulheres doentes preparavam as panelas para fazerem a comida a seu gosto, embora estivesse a ser preparada a refeição comum.

Fomos de carro até à horta, onde plantações de limoeiros, tangerineiras, laranjeiras e ananases, sob as sombras de palmeiras de samata, verdejavam a paisagem que vai ligar a um pequeno rio.

Os ananases são regados uma vez por semana através de canais de irrigação ajustados a um motor que puxa a água duma pequena nascente, tapada por uma ourique do lado do mar.

Noutros tempos, a Missão teve uma criação de gado bovino que chegou a atingir oitenta cabeças: «Esses bois eram particularmente destinados ao abate, para a alimentação dos doentes. Como vê, agora não temos um único animal. Resolvemos acabar com a sua criação, porque os ladrões não nos deixavam sossegados. Imagine que até os ananases nos vêm tirar».

UM PROJECTO NO PAPEL

Como nasceu a leprosaria da Cumura?

«A ideia da criação de uma leprosaria em Cumura foi anterior à nossa chegada à Guiné, em 1955. O Governo já tinha construído dezoito palhotas de alojamento tipo primitivo e uma farmácia cimentada e telhada que servia para tratamentos e armazenamento de medicamentos e alimentação».

«Mas, quando chegámos, soubemos que o Governo português tinha construído o aldeamento provisoriamente, pois existia um projecto grandioso destinado a albergar dois mil doentes de lepra. Eles pensavam que qualquer leproso, devia ser isolado completamente do meio em que vivia, quando o mundo já ia por outro caminho. Já viu como seria impossível internar os milhares de leprosos que existem em todo o mundo? Pela experiência, vimos que a lepra não é assim tão perigosa como parece, e que o doente pode ser tratado na própria casa onde vive. Deste modo, caía a ideia de fazer uma leprosaria grande para internar todos os leprosos da Guiné».

LEPROSARIA DA MISSÃO CATÓLICA DA CUMURA:

VINTE ANOS DE DEDICAÇÃO AO NOSSO POVO

«Naquela altura, a leprosaria podia contar com 230 a 250 doentes».

«O projecto referia-se também à construção de mais edifícios para o pessoal: médicos, enfermeiros, serventes e outros funcionários que ficariam um pouco afastados do hospital, no lugar onde está agora a Missão. Naquela altura, a concretização do projecto devia custar de 30 a 40 mil contos. Mas nunca chegamos a ver a sua realização. Ficou no papel, e mais nada».

«Entretanto, quando, em 1958, o tratamento da lepra passou dos Serviços de Saúde para a Missão de Sono, esta organizou-se em todos os pontos da Guiné (então portuguesa). A Missão de Sono trabalhou bastante no combate a esta epidemia, chegando de ter uma dezena de médicos especializados só para tal, cada um em seu sector. Foi nessa altura que os Serviços de Sono começaram a tratar os doentes de lepra em regime de circuito: assistidos na própria tabanca. Duas vezes por ano, a população era concentrada e faziam-se pesquisas. Todo aquele em quem fosse detectada a doença, era alistado e passava a tomar medicamentos semanais».

«De igual modo nós trabalhamos aqui. O nosso irmão enfermeiro, frei Epifânio, além de ser o responsável pelo tratamento dos doentes, desloca-se frequentemente de motorizada até junto das populações das áreas de Cumura, Prábis, Safim, Antula, etc.»

«Foi assim que a Cumura começou a ser considerada exclusivamente como uma Leprosaria».

Quais as diferentes fases de dificuldades que esta Missão atravessou na manutenção do hospital?

«Sabe, nós sempre contamos com dificuldades. As dificuldades existem em toda a parte do mundo e fazem parte da vida do homem. Os meus 2 anos de permanência nesta vila mostraram-me que em qualquer parte, para uma pessoa conseguir alguma coisa de bom, tem que lutar sempre».

«Dificuldades houve desde o início, mas acho que não foram assim tão grandes. Quando cá chegámos, a leprosaria estava mais ou menos organizada. Era dirigida pelo dr. Mário Veiga, que trabalhou muitos anos neste país».

«A nossa tarefa consistia só em prestar assistência aos doentes. O Governo português fornecia medicamentos, alimentação e tudo aquilo que era necessário. O aspecto dos alojamentos é que era feio, quando sabemos muito bem que, para tratar um doente, é necessário um mínimo de exigências de higiene e saúde, que faltavam totalmente».

«Com a tomada da leprosaria

pela Missão do Sono, em 1958, surgiu uma nova fase de dificuldades. Porque até à data, esta era a única leprosaria oficial».

«Depois, espalhou-se o curativo por toda a Guiné, como mencionei anteriormente, o que permitiu a saída de mais de uma centena de doentes para as suas povoações de origem: Bula, Cantchungo, Mansoa e para o Gabú, especialmente, onde continuaram a receber assistência médica. Por esse motivo, as palhotas foram reduzidas de 18 para metade...».

Existe alguma região onde esta doença apareça com mais frequência?

«Sempre vieram aqui doentes de toda a Guiné. Ainda cá temos alguns de Bissau, em número reduzido, e especialmente de Mansoa, Cantchungo, Bissorá, Suzana-S. Domingos, Farim, Bafatá e Catió. Há tempos tínhamos alguns do estrangeiro, particularmente do Senegal e um ou dois da República da Guiné. No ano passado, transportei nove doentes até à fronteira senegalesa, de onde regressaram curados para as suas terras. É um bocado difícil definir exactamente quem é do Senegal e quem não é. Porque um mancanha, por exemplo é da Guiné, mas pode estar refugiado no Senegal ou ter nascido lá e continua a ser da Guiné. Quando se vê muito ameaçado pela doença vem à sua terra procurar a assistência e, após o tratamento, pode regressar ao ponto de partida, continuando a viver normalmente. O mesmo acontece com os fulas e manjacos de Sidjou e de Kolda, em Casamance».

«O dr. Venâncio Furtado já passou guias aos doentes de Catió para virem aqui. Ainda cá temos dois soldados, de entre os que foram enviados o ano passado do Sul, pelo Partido».

O tratamento aplicado aos pacientes é suficientemente eficiente para curar completamente a lepra?

«Claro que há diferentes métodos de combater uma doença. Desde o início, praticamente sempre se seguiu o processo usado em todo o mundo contra a lepra que é a «cefona». Nos últimos anos, passou-se a usar um outro medicamento mais eficaz, a «Ciba 1906», que além de curar, não provoca reacções. Apresenta resultados bastante melhores e mais eficazes. Há meses apareceram doentes com análises positivas: reacções violentas e sinais na cara e nas orelhas, do aparecimento de lepra. Com este medicamento, já estão melhores e fora de perigo».

«A lepra não é uma doença que deva ser tomada com desprezo. A gente tem que caminhar com muita prudência, pois, à primeira vista, um doente, depois de se lhe ter feito análises ao muco nasal e à pele, pode

apresentar os primeiros resultados como negativos (sãos). Já é uma boa esperança para confiarmos no resultado. Mas não é suficiente para concluirmos que o homem está completamente curado. Só a repetição em vários meses, de análises, nos permite saber se a doença está longe de tornar a surgir ou se ainda deixa vestígios. Então o doente vai para onde quiser, com uma ficha passada aqui a qual lhe permite receber tratamento no posto sanitário próximo dele, pois o Estado garante o fornecimento de medicamentos a qualquer indivíduo que tenha saído daqui, e em muitos casos convém continuar o tratamento, como medida de precaução».

«Sabemos que existem alguns nestas condições que, quando lhes é dada a alta, nunca mais se preocuparam com medicamentos lá fora, julgando-se totalmente curados e até imunizados pela doença. Resultado: depois de alguns anos as reacções tornam-se positivas (infectados) e é necessário novo internamento».

«Ora, qualquer enfermeiro ou médico gosta de fazer o curativo a uma doença com amor, vontade e esperança de vê-lo são e salvo. Mas, assim, com falta de cuidado e de interesse pela vida, não está bem. É um bocado desolador. Felizmente, esses são uma excepção. Tenho muito boa impressão do povo da Guiné, pois tem o sentido da responsabilidade».

OS PERIGOS DO CONTÁGIO

As populações costumam afastar-se dos doentes, mesmo que seja da sua família, para evitar o contágio?

«Do ponto de vista sanitário, é idêntico à cura da tuberculose, que os especialistas consideram mais perigosa do que a lepra, na medida em que a sua transmissão às outras pessoas é susceptível de se verificar. Realmente, a lepra é também contagiosa. Temos casos específicos que identificam tal facto. Casos em que dentro de uma família, o pai é um ex-doente que se curou e mais tarde aparece um filho endemizado e ao fim de tantos anos surge talvez a mulher. É evidente que a gente começa a pensar que existe um foco de contágio entre essas pessoas».

Creio que esta doença não é hereditária...

«Não. O contágio, sempre os médicos o afirmaram, é por meio de contacto. Contacto entre os utensílios ou instrumentos da nossa vida quotidiana: colheres, pratos, roupas e outras coisas. Esse contágio não tem nada a ver com o contágio hereditário, do sangue. A ciência provou isso e a experiência também. O filho de um leproso nasce perfeitamente são. Aliás temos aqui doentes que têm filhos

e vivem com eles. Às vezes acontece que um homem ou uma mulher que foram arrancados do seio das suas famílias por motivos de força maior, vêm inter-nar-se anos e anos aqui, começam a ganhar coragem e esperança de poder refazer a sua vida normal no hospital e reconstruir a sua vida».

«É óbvio que há um problema humano. Dá-se à luz um filho. Os filhos não estarem contaminados, é uma coisa muito boa. Mas vêm o perigo de estarem condicionados a um contágio depois de nascidos».

Compreendo agora a razão por que se criou esse Lar junto à Missão...

«Exactamente, foi com a preocupação de resolver esta situação que a Missão Católica decidiu criar o Lar em 1971, para os filhos dos doentes de lepra. As crianças chegaram a atingir o número de vinte e quatro, mas à medida que os seus pais iam recebendo alta levavam-nas consigo, uma vez que já não é perigoso o contágio, pelo que actualmente estão reduzidos a uma dúzia. Os pais, ao regressarem para as suas regiões de origem, podem levar consigo os seus pequenos. Se entenderem deixá-los cá, melhor. Nós vamos lutar sempre para educar os seus filhos».

«Portanto, acho que é nosso dever continuar esta obra humanitária, e não deixar que os filhos se contagiem, procurando, sempre que possível, isolá-los das mães».

«Muitos jovens, cujos pais se encontram internados neste hospital, estão agora a estudar na escola primária de Cumura e alguns já frequentam o liceu, em Bissau».

Quem é que financiou a construção daqueles três pavilhões e do lar infantil? Quem fornece medicamentos e a alimentação dos doentes?

«Como já disse a princípio, o financiamento era da responsabilidade do Governo português, que fornecia medicamentos e alimentação. Os doentes é que iam até ao pé dos tarafes buscar água das nascentes. Eram condições muito difíceis e resolvemos furar um poço, mas este não satisfaz cabalmente as necessidades dos doentes, visto que seca sempre que acabam as chuvas. Começamos a ficar preocupados e a tentar a maneira de resolver os vários problemas que se nos opõem. Era um problema moral também nosso».

«Eu desloca-me várias vezes ao estrangeiro a pedir ajudas, a maioria das vezes a Itália e, de uma maneira ou doutra, resultava. Mas sempre me eram feitas perguntas do género: «O hospital é do Estado? Então não vamos dar nada. Ele tem o dever de o fazer. Daríamos se o hospital fosse da Missão ou independente do Governo». Deste

modo, íamos ficar cada vez mais aflitos e, em 1969, chegamos à conclusão que era preciso apresentar o problema claramente ao Governo português. Expus o assunto a um inspector sanitário enviado pelo Governo colonial português para ver as condições dos postos sanitários e hospitais da Guiné. Eu disse-lhe: «Ou o Governo português colabora na construção de um novo hospital e acaba com as palhotas ou, se não se conforma com esta solução, que entregue o hospital nas mãos da Missão Católica da Cumura que, com os poucos meios de que dispõe, pode ir fazendo cada ano alguma coisa, graças a certas ajudas que assim não pode ter».

«O Estado resolveu então passar-nos o hospital, depois da publicação de uma portaria, em Maio de 1969, que estabelece que a leprosaria foi entregue à Missão de Cumura».

«Começamos nessa altura uma nova fase. Iniciamos a construção daqueles dois pavilhões com uma ajuda concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa. Essa ajuda tinha sido destinada à cobertura das dezoito palhotas a zinco, mas, em conversa, alguns técnicos disseram-nos: «Então, para quê cobrir as paredes de adobe, se já estão a cair». Esse dinheiro não foi suficiente para acabar as obras e recorremos a outros pedidos no estrangeiro, até conseguir aprontar os dois pavilhões para a leprosaria, um para a maternidade e depois, a pouco e pouco, a cozinha, o armazém, o refeitório, a instalação da luz eléctrica e da água canalizada».

«A construção do edifício do Lar das Crianças, deve-se a uma contribuição da juventude italiana, quando da minha ida a Itália em 1968, a fim de procurar meios para resolver a situação de Cumura. Apresentei vários projectos pendentes do hospital e de um lar infantil e, ao fim de dois anos, recebemos uma carta de uma organização da juventude italiana, que se comprometia a dar-nos o apoio necessário para esse fim».

«Enviaram-nos o dinheiro em 1970, após termos feito os desenhos e os cálculos do montante necessário para erguer a obra. Esse dinheiro foi obtido depois de vários pedidos feitos por eles nas ruas, nos bares e nos hotéis».

«À parte isto, as plantações que fizemos contribuíram também bastante para a resolução de inúmeros problemas da nossa Missão e do hospital. Cada ano aumentamos as plantações de modo a fazermos face às dificuldades».

«Os medicamentos e o arroz (este último com mais moderação) continuaram a ser fornecidos pelo Estado, não obstante

(Continua na pág. 8)

ANO I DE ORGANIZAÇÃO

PÁGINA SEMANAL DO COMISSARIADO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

As escolas e o trabalho produtivo

— A ESCOLA AO CAMPO —

Organização e vida nos acampamentos

O chefe do acampamento é o director da escola ou pessoa sua delegada. Como tal é responsável por controlar e orientar as medidas necessárias para a boa marcha deste plano. Não trabalha isolado, mas sim apoiando-se num conselho directivo em que estarão representados o Partido e a JAAC, os Pioneiros e outros companheiros que assumirão na direcção funções específicas como o abastecimento, o trabalho, actividades docentes, recreativas, culturais, guardas do acampamento, etc. No Conselho Directivo deverá estar também representado um representante da Granja, onde a escola se encontrar colocada. Este Conselho discutirá periodicamente as questões fundamentais e tomará as decisões necessárias.

No dia de chegada ao acampamento os alunos deverão receber as informações necessárias relativas à organização, regime de trabalho, disciplina, normas fixadas e todas as orientações que contribuam para tornar possível a ordem, a higiene e limpeza e, na generalidade, a vida normal do acampamento.

O horário de trabalho será de oito horas, dividido por dois períodos, um de manhã e outro de tarde.

À parte o tempo dedicado às refeições, repouso, higiene pessoal e do acampamento, haverão ainda actividades, como as docentes, de Formação Militante, culturais, recreativas, etc.

As actividades culturais e recreativas deverão desenrolar-se através dos trabalhos de criação dos alunos que forem surgindo ao longo do tempo em que estiverem no acampamento, como poesias, canções, pequenas peças de teatro e ainda, danças de raiz popular da região onde os alunos se encontrem, que serão apresentadas perante todos, alunos, professores, trabalhadores agrícolas, etc. Estas actividades poderão ser estimuladas com a organização de concursos e festivais, a celebrar na comemoração de datas ou festas significativas.

Outras actividades que se poderão realizar no período da permanência da escola no campo, são os estudos sócio-económicos da região, a investigação sobre factos históricos nela ocorridos, a visita a lugares de interesse geográfico, actividades estas que serão apoiadas pelos professores de História, Geografia, Português e de Formação Militante. Também se poderão levar a cabo, tarefas de melhoramento das escolas da zona, de ajuda na criação de campos desportivos, de contribuição para elevar o nível cultural dos camponeses e trabalhadores agrícolas da região, etc.

Um aspecto fundamental da vida no acampamento é o que se refere ao da higiene ambiente.

Deve-se ter todo o cuidado para que o acampamento mantenha as condições higiénicas requeridas, levando-se para isso à prática, medidas como a filtragem ou o fervimento das águas, construção de fossas de desperdícios, banhos, limpeza do acampamento, eliminação de águas estagnadas, tapar os tanques de água potável, etc.

Cada acampamento deverá ter o seu centro de primeiros socorros, servido por alunos e professores.

● Próximo número: CONCLUSÃO

Há camaradas que pensam que para ensinar bem às nossas crianças não devemos falar do nosso Partido. Qual história! A pedagogia que quer isso, não é pedagogia nenhuma. Para nós, pedagogia é aquilo que ensina às crianças a nossa luta, os direitos do nosso povo, o Partido, o Hino do nosso Partido, o valor do nosso Partido, além do A,B,C, «O gato e a Raposa», «O lobo e o chibinho», etc. Mas o Partido deve estar lá também presente; a direcção do Partido, os dirigentes do Partido, a força da nossa luta, a força do nosso povo, a força do nosso Partido, os deveres da nossa gente.

A. CABRAL

Agostinho Neto na Guiné-Bissau

Na próxima semana, o Camarada Presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, virá visitar o nosso país.

As nossas escolas, Primárias, Preparatórias e Secundárias, deverão preparar-se para receberem festivamente o camarada Presidente.

A sua visita representa para nós não só uma honra mas uma oportunidade única para no actual momento, lhe testemunharmos todo o nosso incondicional apoio e ao povo angolano.

A mobilização de todos os nossos estudantes, dos nossos trabalhadores, para esse dia festivo é tarefa de todos nós. Merecer o sacrifício do povo angolano que luta pela liberdade de África é um dever a que ninguém se pode furtar.

ESCREVE SOBRE...

Terminado o prazo do nosso segundo concurso, muitas mais do que no primeiro, foram as produções que chegaram até ao nosso Departamento.

Apesar disto, parece-nos que as Escolas não têm sabido aproveitar ao máximo este concurso, que mais não pretende que criar nos alunos a vontade de escreverem e de se dedicarem a temas da sua terra e da África em geral.

Atribuímos desta vez a um aluno da Escola Técnica Vitorino Costa, o livro-prémio, que todos os meses pomos em concurso.

Até ao próximo dia 11 de Abril, poderão os camaradas enviar-nos os seus trabalhos para o próximo concurso, que desta vez será subordinado ao seguinte tema: «Trabalhar, produzir, com força, com coragem, com entusiasmo, para fazermos cada dia a nossa terra valer mais».

Os trabalhos como anteriormente deverão ser dirigidos para o Departamento de Actividades Políticas e Extra-Escolares do Comissariado de Estado da Educação Nacional e Cultura.

«Nós, os combatentes da Guiné-Bissau, estamos prontos a ir morrer em Angola, pela Liberdade de África».

Nós, os combatentes da Guiné-Bissau estamos prontos a ir morrer em Angola pela liberdade da África

Cabral dizia: «Africanos, são aqueles que são capazes de dar a sua vida pela África». Sim, estamos prontos a ir morrer em Angola, pela liberdade de África porque Angola é uma parte integrante de África.

Estamos prontos a ir morrer em Angola pela liberdade de África porque tal como o nosso inesquecível leader dizia, «devemos ser capazes de servir em qualquer terra, combatendo o mesmo inimigo» e em «Angola a sua luta, é a nossa própria luta».

Camaradas, o que se passa neste momento em Angola, não é uma luta de irmãos, mas sim, uma luta contra potências racistas e imperialistas atraídas pelas suas riquezas naturais.

Falar de Angola, é falar do MPLA e do povo angolano; é difícil falar de Angola, sem conhecer a sua realidade revolucionária ou seja o carácter revolucionário do MPLA. Por que os que se dizem hoje «Liberadores de Angola» — os fantoches

UPA/FNLA e UNITA — mais não são que usurpadores frustrados das riquezas do povo angolano, em benefício dos seus patrões do ocidente.

Falar de Angola, é falar da gloriosa acção do 4 de Fevereiro de 1961, levada a cabo pelos militantes do MPLA e, que ao longo de 14 anos de espinhosa luta armada, conseguiram com o camarada Agostinho Neto, libertar o seu país das garras do colonialismo português, tornando assim árvore, o embrião por ele lançado no seu país sob a égide de Cabral, quando da promessa feita em 1953 na fundação da casa dos Estudantes do Império.

Hoje a invasão de que Angola é vítima, poderá ser a origem de nova ocupação do nosso continente. Camufladas nas fileiras da UPA/FNLA e UNITA, as potências imperialistas, lançam bárbaros crimes sobre o povo angolano, procurando anular a revolução angolana e a revolução

(Continua na página 7)

CONTOS E LENDAS DA NOSSA TERRA

“A luta da corda”

A lebre, animal esperto sempre em busca de algum divertimento, encontrou um dia um «peixe cava-lo» (hipopótamo) e disse-lhe: — «Apesar de teres um corpo tão grande, eu, graças a um certo feitiço, sou capaz de tirar-te da água e levar-te para a floresta».

Riu-se o enorme animal desta afirmação da lebre, mas depois, fingindo tomar a sério tal bravata, perguntou: — «Como havemos, então, de fazer para ver se és capaz de cumprir o que dizes?»

— «É muito fácil afirmou a lebre brincalhona «vou arranjar uma grande corda estendendo-a entre a floresta e o rio e a cada um de nós pega na sua ponta. Quando tu sentires um ligeiro esticão poderás começar a puxar a corda, porque esse será o sinal».

Concordou desta maneira, o hipopótamo com esta forma de organização esta demonstração original de força que lhe fora proposta, e a lebre dirigiu-se, por sua vez, à floresta onde encontrou um elefante a quem desafiou nos mesmos termos: — «Talvez te cuses a acreditar no que te vou dizer, mas garanto que, por virtude da força mágica que possuo, sou capaz de arrastar-te desde a floresta até ao rio».

Tal como o hipopótamo, também o elefante condescendeu em ouvir tais baboseiras da farsante lebre, tendo esta repetido as mesmas palavras que tinha dito ao hipopótamo, com a única diferença que agora era, ela, lebre, a puxar a ponta da corda que ficava junto ao rio dando ao elefante a outra ponta.

Tendo à sua disposição dois dos mais fortes animais da floresta, preparou-se a lebre para gozar o espectáculo da luta e, assim, foi buscar uma grande corda, que desenrolou, dando uma das pontas ao elefante, que se encontrava na floresta, e a outra ponta, ao hipopótamo que estava situado no rio. A ambos os animais, que não podiam ver-se, porque a vegetação chegava quase junto às águas, pediu a espertalhona que não puxassem sem que ela desse o sinal o que fez pouco depois, já instalada num ponto situado entre um e outro e sensivelmente a meio da corda.

Quando cada um dos bichos deu o seu esticão calculando que a lebre viria pelos ares cair-lhe aos pés, a forte corda esticou-se sob a acção deduas forças poderosas e quase iguais. E perante a estupefacção dos dois colossos animais, nenhum deles, durante muito tempo, logrou a menor vantagem, chegando ambos a pensarem que era uma potência mágica aquela que defrontavam. Cansados, já começavam a desanimar quando o elefante, num impulso desesperado arrancou o hipopótamo do local onde se encontrava, e depois lentamente, o foi puxando para si até que em determinado momento, se viram um ao outro, compreendendo o logro em que tinham caído e cessando por imediato a luta.

Descontentes contra a lebre que assim se rira à custa de ambos, juraram matá-la, logo que qualquer deles a visse, para o que bastaria, simplesmente, pôr-lhe um pé em cima. Assim, a matreira sentiria bem o peso daqueles que ludibriara.

A lebre, que ouviu tal combinação, resolveu acabar de vez com a angústia que ameaçava sobre a sua vida e quando, dias depois, encontrou o cadáver de uma gazela já podre e coberta de bichos, pôs tudo aquilo em cima de si e deitou-se num caminho que o elefante costumava frequentar. Este, dada a agudeza do seu olfato e a mediocridade da sua visão, sentiu

(continua na página 7)

Ministro dos Estrangeiros da R.A.S.D. em Conakry

CONAKRY (APS) — O ministro dos Negócios Estrangeiros da República Árabe Sahariana Democrática, Ibrahim Hakim, que chegou a Conakry na passada sexta-feira, deu no sábado na capital guineense uma conferência de imprensa perante os representantes da imprensa local e internacional.

Na sua conferência de imprensa, o chefe da diplomacia sahariana evocou longamente a luta do povo sahariano sob a condução da Frente Polisário, a quem foi dado apoio internacional, nomeadamente durante a 26.ª sessão do Conselho Ministerial da OUA.

Durante a manhã de sábado, Ibrahim Hakim foi apresentado pelo Presidente Sekou Touré aos membros do Comité Central e do governo guineense, e aos quadros do Partido reunidos para a 5.ª sessão da Conferência Económica Nacional da Guiné. Ibrahim Hakim foi em seguida convidado para almoçar, pelo Chefe de Estado guineense.

A sua chegada, na sexta-feira passada, a Conakry, Ibrahim Hakim foi acolhido por diversas personalidades guineenses, como pelos embaixadores da Argélia, de Cabo Verde, do Ghana, da Guiné-Bissau, da Líbia, da Nigéria, da Tanzânia e o representante da O.L.P. na Guiné.

A C.I.A. e a morte de Lumumba num relatório do Senado dos EUA

No final do ano passado, uma comissão especial do senado americano, encarregada de fazer um inquérito sobre as actividades das organizações de investigação dos E.U.A., publicou um relatório denominado «Acusações da organização de «complôts» com o objectivo de assassinar personalidades de países estrangeiros».

Os factos testemunharam que a CIA organizou «complôts» destinados a assassinar personalidades políticas do estrangeiro que eram favoráveis à política americana, o que era considerado como um método normal das suas relações externas.

A actividade ilegal da CIA, posta em causa no relatório, suscitou a indignação da opinião pública nos Estados Unidos e no mundo. É bem conhecida, agora, a actividade subversiva levada a cabo pela CIA, em Angola, contra a jovem República Popular de Angola e o seu Governo. Eis aqui um extracto do referido relatório do senado americano:

«A comissão recebeu testemunhos seguros a propósito da existência de um «complôt» visando assassinar Patrice Lumumba. É bem possível que as declarações, muito adversas, feitas em relação a Lumumba pelos mais altos responsáveis americanos na altura, tivessem por objectivo autorizar o arranque da realização da operação para o eliminar. Em todo o caso, tais declarações contribuíram para a concretização da operação».

Os factos demonstram que a inquietude manifestada sobre a actividade de Lumumba, expressa pelo Presidente Eisenhower numa reunião do Conselho de Segurança Nacional de 18 de Agosto de 1960, foi entendida por Allain Dalles como «luz verde» para o assassinato de Lumumba.

Na semana seguinte depois da reunião deste Conselho, um dos conselheiros do Presidente lembrou ao grupo especial a necessidade de tomar as medidas mais directas «face a Lumumba e propôs não excluir a possibilidade, não importa de quais acções, que possam contribuir para eliminar Lumumba». No dia seguinte, Dalles enviou ao funcionário da CIA residente em Leopoldville (antigo nome de Kinshasa) um telegrama, onde dizia que nas instâncias supremas «a eliminação» de Lumumba era considerada como a mais importante e urgente tarefa. Pouco tempo depois o serviço secreto da CIA elaborou o «complôt» com o objectivo de assassinar Lumumba.

Segundo o relatório, o Bureau da CIA em Leopoldville recebeu vários telegramas secretos da direcção da CIA, dos quais dois estavam assinados pessoalmente por Allain Dalles, com as indicações de «liquidar Lumumba».

Angola e Portugal estabelecem relações

LISBOA (AFP) — Portugal e a RPA decidiram estabelecer relações diplomáticas a nível de embaixadas, anunciou um comunicado oficial do ministério português dos Negócios Estrangeiros.

Segundo o comunicado, o ministro português dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, recebeu uma mensagem do seu homólogo angolano, Eduardo dos Santos, anunciando o acordo da RPA de estabelecer relações diplomáticas com Portugal a nível de embaixadas.

Na sua mensagem, José Eduardo dos Santos sublinhou «o desejo do povo angolano de renovar e reforçar os laços de amizade e de cooperação entre os dois países, na base do princípio da não-ingerência, do respeito mútuo e da soberania nacional».

«O reforço das relações de amizade, de solidariedade e de colaboração entre o povo português e o povo angolano servirá a causa da

paz, da defesa e da consolidação da independência nacional», acrescenta a mensagem.

DELEGAÇÃO SOMALIANA EM LUANDA

LUANDA (AFP) — Uma delegação somaliana conduzida pelo ministro do Desenvolvimento Rural, A. Shire, membro do Conselho Supremo da Revolução, acompanhado de Yssuf Omar Azhari, embaixador da Somália na Nigéria, encontra-se desde segunda-feira à tarde em Luanda.

O ministro somaliano indicou que ele era portador de uma mensagem do Presidente Siad Barre para o Presidente da RPA, Agostinho Neto, mas recusou-se a dar outra precisão quanto aos objectivos da sua visita.

«MEETING» EM BAMAKO

BAMAKO (AFP) — Para celebrar

a vitória do MPLA, um grande «meeting» teve lugar ontem a tarde no estádio Omnisport, de Bamako, sob a égide do Comité Maliano de Solidariedade Afro-Asiática.

Esse «meeting», escreve a este propósito o «Essor», órgão de informação pública sob a direcção do Comité Militar de Libertação Nacional, foi a ocasião para o Mali de saudar «a brilhante vitória do MPLA e de apoiar o povo angolano na sua luta contra o imperialismo».

Fidel Castro na Jugoslávia

BELGRADO (AFP) — Um comunicado comum jugoslavo-cubano, publicado na passada segunda-feira no fim da visita à Jugoslávia do Primeiro-Ministro cubano, Fidel Castro, sublinha «os resultados positivos» do encontro entre o marechal Tito e Fidel Castro e a convicção dos dois homens que ela «contribuirá para o reforço das relações de amizade e de cooperação multiforme» entre os dois países e seus partidos.

Nas suas conversações, de 6 a 8 de Março, ilha de Brioni, o Presidente Tito e Fidel Castro examinaram, numa atmosfera de amizade e cordialidade, de respeito mútuo e de compreensão, as actividades dos dois países no plano internacional, assim como «as questões de actualidade relativas às relações internacionais e ao movimento operário internacional», precisa o comunicado.

O marechal Tito e seu hóspede felicitaram-se, acrescenta o comunicado, «pelo desenvolvimento favorável das relações entre as duas partes e os dois países», relações baseadas no «respeito mútuo da especificidade das vias de edificação do socialismo».

Os dois homens estimaram igualmente, segundo o comunicado, que a 5.ª cimeira dos países não-alinhados, em Agosto próximo, em Colombo (Sri Lanka), traga «uma importante contribuição ao reforço da paz universal, e a instauração de relações económicas baseadas na igualdade e o respeito dos interesses legítimos de todos os países».

O Primeiro-ministro cubano deixou na segunda-feira de manhã a Jugoslávia para Sofia.

Gâmbia e Líbia reafirmam política anti-colonialista

TRIPOLI (A.F.P.) — A Líbia e a Gâmbia afirmaram o seu compromisso à Carta e aos objectivos da Organização da Unidade Africana (OUA), informou na terça-feira a Agência da Revolução Árabe (ARNA).

Num comunicado comum, publicado pela ARNA no final da visita à Líbia do presidente gambiano, Sir Dawda Jawara, as duas partes acordaram em «aumentar o seu apoio aos movimentos de libertação até que o continente africano seja totalmente livre dos regimes raciais e colonialistas, e à liquidação dos monopólios estrangeiros».

A Líbia e a Gâmbia exprimiram, além disso, «a sua satisfação pelas vi-

tórias alcançadas pelos povos da Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe».

As duas partes condenaram «a agressão da África do Sul e do regime racista de Ian Smith contra as repúblicas de Angola e Moçambique. Esta agressão é uma agressão contra todo o continente africano, que põe em perigo a paz e a segurança mundiais».

A Líbia e a Gâmbia sublinharam a importância da cooperação árabe-africana, «dado que a África e a parte asiática da nação árabe formam uma única zona geográfica, política e económica. Esta cooperação favorecerá a independência económica da África, o desenvolvimento do continente e a sua libertação do jugo racista imperialista».

A Gâmbia, pelo seu lado, exprimiu «o seu apoio à justa e legítima luta do povo palestino contra o racismo sionista, assim como a sua intenção em aumentar este apoio até à libertação da Palestina e dos territórios árabes ocupados».

TAÇA DE ÁFRICA EM FUTEBOL

ADDIS-ABEBA (AFP) — A contar para a Taça de África em Futebol, as formações nacionais da Guiné e da Nigéria empataram anteontem 1 a 1.

O golo nigeriano foi marcado por Lawal aos 51 minutos, e pela Guiné marcou Papa Camará, aos 88 minutos.

Quanto ao desafio Marrocos-Egipto pode-se dizer que a vitória marroquina foi difícil. Zahroui, o homem do golo da vitória, permitiu a Marrocos obter uma vitória difícil sobre o Egipto, por 2-1. Com efeito, foi somente a dois minutos do fim que o marroquino conseguiu obter, através de livre directo, o segundo golo que permite, assim, ao Marrocos assinar a primeira vitória da eliminatória final.

No fim dos dois encontros da primeira volta, a classificação da fase final da Taça de África de Futebol é a seguinte:

1.º — Marrocos, com 2 pontos; 2.º — Guiné e Nigéria, com 1 ponto; 4.º — Egipto, com 1 ponto.

«A luta da corda»

(Continuação da página 6)

o mau cheiro antes de ver a lebre e quando por fim a reconheceu disse para consigo afastando-se:

«Ora ainda bem que a patifaria da lebre já foi punida sem necessidade de ter que sujar o meu pé».

Mas se a lebre enganou desta maneira, o elefante, ela ainda hoje tem o hipopótamo e por isso, só muito raramente e com as maiores cautelas, se acerca de qualquer rio.

Morrer em Angola

(Continuação da página 6)

africana.

14 anos se passaram, o MPLA soube sempre conduzir o seu povo para a luta pela independência, sem quaisquer compromissos.

Hoje, o perigo que paira sobre a jovem República Popular de Angola, é comum a toda a África, portanto, é nosso dever de africanos fazer frente à invasão de que sofre hoje o povo angolano.

Alfredo Cristóvão Gomes Lopes
3.º Ano do Curso Geral de Electricidade da Escola Técnica Vitorino Costa.

MAPUTO (TASS) — A Rádio de Moçambique transmite um novo programa para o povo do Zimbabwé em luta, cujo nome é «A Voz da Solidariedade».

Todos os dias, os rodesianos poderão ouvir em língua inglesa as últimas sobre os sucessos do movimento de libertação nacional no sul africano e informações sobre o crescente apoio à luta dos patriotas do Zimbabwé contra o regime de minoria branca.

CONTRA O «APARTHEID»

NOVA YORK (TASS) — Jeanne Martin Sissé, representante permanente da República da Guiné nas Nações Unidas, e presidente do Comité Especial da ONU contra o «apartheid», e Youssef El-Sabai, Secretário-Geral da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, publicaram em Nova York uma declaração comum tendente a intensificar a luta contra o «apartheid» e a campanha internacional de solidariedade com o povo da África do Sul, em luta pela liberdade e independência.

COSTA DA SOMÁLIA: A VITÓRIA É CERTA

COLOMBO (A.F.P.) — A luta do povo da costa da Somália para se libertar da tutela francesa será brevemente coroada de sucessos, declarou Hadj Abdullah Weberi, porta-voz da Frente de Libertação da Costa da Somália (FLCS), numa entrevista publicada, na sexta-feira, por um jornal de Colombo.

Segundo Weberi, a França não poderá impedir que sejam quebradas as cadeias do colonialismo e deverá inclinar-se perante a vaga de independências que se levantou no continente africano.

Após ter descrito o chefe do governo do território francês dos Afars e Issas, Ali Aref, como um «fantóche» da França, Abdullah Weberi pôs como condição para um diálogo com o governo francês, o cessar imediato da «campanha de opressão e agressão arbitrária» em curso. Acrescentou que o combate levado a cabo pela FLCS não demoraria a intensificar-se.

HUSSEIN NO JAPÃO

TÓQUIO (A.F.P.) — Procedente da Austrália, chegou ontem a Tóquio, o rei Hussein da Jordânia, acompanhado da rainha Alia, para uma visita oficial de seis dias.

Durante a sua estadia no Japão, o rei Hussein deverá encontrar-se com o imperador Hirohito e deverá ter várias conversações com o Primeiro-Ministro, Takeo Niki.

GREVES EM ESPANHA

ESPANHA (A.F.P.) — Meio milhão de pessoas responderam, na segunda-feira, no país basco, ao apelo de greve geral lançado pelas organizações da oposição à seguir aos encontros de quarta-feira passada, em Vitória, que fizeram quatro mortos e cem feridos.

Os choques que se têm verificado desde segunda-feira entre grevistas e as forças da ordem, custaram a vida a um jovem operário de Bilbao, e novos encontros tiveram lugar por ocasião do seu funeral.

Enquanto prossegue, desde há quatro semanas, a greve de 20 000 mineiros e operários na mina hulhífera das Astúrias, a situação no país basco continua confusa. Tendo-se registado numerosos confrontos.

Os movimentos de greve foram seguidos de perto nas quatro províncias bascas de Guipuzcoa, Biscaia, Alava e Navarra. Esta greve geral, pela sua amplitude, é a mais importante que aconteceu em Espanha desde o fim da guerra civil.

INGERÊNCIA AMERICANA NO LÍBANO

KOWEIT (AFP) — Yasser Arafat indicou ter em seu poder «documentos que provam a ingerência da CIA nos acontecimentos do Líbano», soube-se ontem de fonte bem informada.

O presidente do Comité Executivo da OLP deu esta indicação no decorrer de um encontro, na terça-feira à tarde, com vários dirigentes palestinos e membros da Frente Árabe da Revolução palestinianna.

Arafat, acrescenta a mesma fonte, falou nomeadamente numa carta enviada pela CIA à Embaixada dos Estados Unidos em Beirute. Anunciou que divulgará «no momento oportuno» o conteúdo desta carta, assim como outros documentos em sua posse.

FRANCISCO MENDES NO CONGRESSO DO P. C. U. S.

«Uma grande experiência para nós»

(Continuação das páginas centrais)

«Visitámos também os Comités Soviéticos de Solidariedade para com os Povos da Ásia e da África, cujas relações foram muito estreitas durante os anos de luta. Graças a esses comités, a opinião pública soviética passou a conhecer profundamente quais os problemas da nossa vida e da nossa luta e o nosso Partido nessa época recebeu várias ajudas, tanto em material escolar como em medicamentos e várias outras. Recebemos igualmente bolsas de tratamentos e de estudos para os nossos doentes e alunos».

«Como todos os camaradas sabem, na União Soviética, concretamente em Moscovo, após o assassinato do camarada Amílcar Cabral, o Governo soviético decidiu baptizar uma praça com o nome do nosso herói. Aproveitamos, portanto, a nossa estadia naquele país amigo, para depôr

uma coroa de flores naquela praça».

«Aproveitámos igualmente a oportunidade para visitar um militar soviético que foi ferido, na altura do acto de levantamento de minas nos arredores de Bisau e que actualmente se encontra recuperado e muito mais animado do que vários outros feridos de guerra, estando outra vez disposto a dar a sua vida em qualquer parte em que a União Soviética precisar do seu concurso».

«Duma maneira geral, posso afirmar que este Congresso foi uma grande experiência para nós, do ponto de vista de organização e do ponto de vista da seriedade dos assuntos que ali foram discutidos e também devido ao carácter internacionalista de que se revestiu, pois nele participaram cerca de 5 000 delegados soviéticos e 103 delegações estrangeiras convidadas».

«Outro aspecto que queria

destacar é o facto de naquele Congresso terem participado desde os mais velhos comunistas soviéticos até aos mais novos, indivíduos de todas as camadas sociais, homens e mulheres, que deram de facto ao acontecimento um carácter partidário e muito sério e ao mesmo tempo popular porque todos os problemas foram ali discutidos. Pudemos notar que os problemas ali discutidos são problemas para os quais todos os soviéticos se sentem sensibilizados, pois, antes de ter sido convocado o Congresso foram amplamente discutidos de topo à base das células do Partido».

A NOSSA DELEGAÇÃO DISCURSOU EM MOSCOVO

«A nossa delegação teve a oportunidade de usar da palavra numa sessão especial organizada no círculo do Partido, em Moscovo, pois entre tantas delegações estrangeiras, não foi possível falar no próprio Congresso. Assim, várias delegações viram-se obrigadas a usar da palavra noutras cidades da União Soviética. A nossa delegação teve o privilégio e a oportunidade de proferir no círculo do Partido em Moscovo, um discurso que foi bastante apreciado pelos soviéticos e pelas delegações estrangeiras».

«Tivemos igualmente encontros com vários homens da Imprensa, da Rádio e Televisão, a quem expusémos o nosso ponto de vista sobre o Congresso e sobre as relações entre a União Soviética e a República da Guiné-Bissau e entre os nossos dois Partidos».

«A nossa delegação era composta por camaradas do Partido, uma parte da Guiné-Bissau e outra de Cabo Verde, tendo tentado trabalhar no sentido de dar ao povo soviético um maior conhecimento de tudo o que se está a passar nos dois países irmãos».

VICE-MINISTRO DO INTERIOR DO SENEGAL EM BISSAU

Chegou ontem ao nosso país o vice-ministro do Interior do Senegal, Ibrahima Wone, para uma visita de cortesia, a convite do camarada António Buscardine, do CSL e secretário-geral da Segurança Nacional e Ordem Pública da nossa república

No aeroporto, o Vice-ministro do Interior do Senegal foi recebido, além do camarada Buscardine, pelo camarada Luís Correia, do CEL e comandante da Polícia e Ordem Pública e pelo embaixador do Senegal no nosso país.

Cumura: vinte anos ao serviço do nosso povo

(Continuação das páginas centrais)

continuarmos a dispôr de ajudas externas. Só no ano de 1974 começámos a assumir totalmente as responsabilidades do hospital. Tínhamos falta de alimentação, roupas, mantas e tudo o que era necessário para a vida de um doente. Achávamos que não nos cabia esta preocupação, visto que a nossa vinda se destinou exclusivamente a tratar e assistir doentes».

Qual tem sido a acção do nosso Estado no combate à lepra nestes primeiros tempos?

«Quando chegou o nosso Governo, todos nós sabíamos que estava rodeado de mil e uma dificuldades. Pensámos que devia ter muitos problemas a resolver e que era nosso dever colaborar, contribuir um pouco, atendendo à situação actual».

«Desde que o Governo actual tomou conta do poder, tivemos oportunidade de falar com os camaradas dr. Boal, João da Costa, e depois com o Presidente Luiz Cabral, e ficamos bastante impressionados com o modo como nos atenderam. O camarada Luiz Cabral perguntou-nos logo se tínhamos dificuldades em tratar os doentes. Dissemos-lhe que por enquanto não, e que poderíamos aguentar com as despesas daqui para a frente, mesmo com um pouco de dificuldades».

«O camarada Presidente prometeu-nos que podemos contar com a ajuda do Governo da Guiné-Bissau, o que nos encorajou bastante. Temos a certeza que, no dia em que formos pedir qualquer coisa, o Estado não-lá dará sem equívocos».

«Desde o fim do ano passado, os Serviços de Saúde passaram a fornecer-nos leite para o pequeno almoço, e arroz. Já é uma

contribuição grandiosa para nós, na medida em que alivia os esforços da Missão Católica, que chega a gastar em duas toneladas de arroz por mês, aproximadamente vinte e quatro contos».

«De resto, continuaremos a colaborar; aliás foi sempre o que fizemos, pois achamos ser nosso dever enquanto estamos aqui, a trabalhar para o bem do povo da Guiné-Bissau».

QUEBRAR O ISOLAMENTO

O problema da reintegração dos curados no próprio meio social deve ser uma questão secundária, mas necessária. A Missão tem alguma ideia sobre a maneira de resolver este problema? Essas pessoas podem ficar a viver na Cumura?

«Esse assunto diz respeito mais ao departamento dos Assuntos Sociais, do Estado, do que a nós. De facto, já está a colaborar connosco através de frequentes deslocações dos camaradas desse departamento para contactar de perto os doentes, inteirar-se dos problemas de cada um e saber se podem ou não regressar à sua terra e ser lá assistidos».

«O problema do regresso dos doentes ao seu antigo meio é um bocado difícil e delicado. De facto, a maioria dos doentes não está privada da reorganização da sua vida normal, desde que tenha condições para tal. Vejamos. O desejo de trabalhar é natural em todos os homens. Mas quando uma pessoa se encontra totalmente na dependência de outrém, mesmo que se trate da sua família, sente-se um pouco com remorsos e comprometido, na própria dignidade humana, ao pensar: «Eu vou para a casa do meu primo ou irmão, para quê?»

Comer à custa dele sem trabalhar, por cima das dificuldades que ele já tem com a sua mulher e filhos?». Este é um aspecto das consequências que a lepra trás a essas pobres famílias. Mundialmente a lepra sempre teve um aspecto feio: o isolamento dos leprosos das tabancas e da sua vida...».

Na nossa terra esses doentes têm sido afastados completamente das populações ou continuam em contacto com eles?

«Aqui na Guiné, acho que não é bem assim. Descobri uma maneira nova de encarar esse facto. Isto também faz parte da mentalidade do povo da Guiné-Bissau. É um aspecto, para mim, muito positivo, pois não é verdade que um homem doente de lepra seja afastado do seio das populações, não. Vi muitas vezes nas tabancas e no chão dos balantas a mesma coisa: um doente a viver junto da família, a ser bem tratado e a beber e comer na mesma caneca e prato».

«Mas, na verdade, há que começar agora um trabalho que é muito necessário: a mentalização das populações. Há que defender o aspecto higiénico-sanitário, para que uma família saiba o perigo do contágio que pode advir de um doente e acabar com a mentalidade de: «Ah! são coisas que acontecem. Se apanhar, apanho; se não apanhar ainda bem». Isto não significa rejeitar os doentes definitivamente, mas sim temporariamente, até acabar o perigo de contágio».

TELEGRAMA DE SAMORA MACHEL A WALDHEIM

NOVA YORK (APS) — Samora Machel denuncia, num telegrama enviado a Kurt Waldheim, Secretário-Geral da ONU, a verdadeira guerra de agressão levada a cabo pela Rodésia contra Moçambique.

Os termos do telegrama, publicado como documento do Conselho de Segurança, em que Samora pede a Waldheim para providenciar junto dos estados membros da ONU o apoio ao seu país, confirma a decisão de Moçambique em impôr as sanções económicas contra a colónia britânica de Pretória.

SEKOU TOURÉ AUXILIARÁ MOÇAMBIQUE

KAMPALA (AFP) — O Presidente Idi Amin Dada, chefe de estado ugandês e Presidente em exercício da Organização da Unidade Africana exprimiu por telegrama ao Presidente Sekou Touré da Guiné, a sua satisfação após a certeza que deu este último a Moçambique, no respeitante à ajuda militar que a Guiné poderá fornecer a este país contra a Rodésia e a África do Sul.

O marchal Idi Amin escreve na sua mensagem que, como Presidente da OUA, «aprecia grandemente» a proposta do chefe de estado guineense, membro fundador da Organização pan-africana.

AMIN RECEBE PATRIOTAS SOMALIANOS

KAMPALA (A.F.P.) — O Presidente Idi Amin recebeu uma delegação da Frente de Libertação da Costa da Somália, chefiada pelo seu vice-presidente Abdullah Ardeven, soube-se em Kampala.

O chefe de estado ugandês deu aos seus interlocutores informações sobre a missão da Comissão de Investigação sobre o Djibouti, criada quando do último Conselho de ministros da Organização da União Africana (OUA).

POLISÁRIO INTENSIFICA ACÇÕES MILITARES

ARGEL (A.P.S.) — Por ocasião da proclamação da República Árabe Sahariana Democrática (RASD), nas regiões libertadas do Sahara Ocidental, as unidades do exército popular de libertação sahariana intensificaram as operações militares contra as forças de agressão, nas zonas ocupadas.

TAÇA DA ÁFRICA

ADDIS-ABEBA (A.F.P.) — Tem lugar hoje o segundo e penúltimo acto da Taça de África de Futebol, que será atribuída no domingo. No programa, Guiné-Egipto (cujo resultado no 1.º encontro foi de 1-1) e Marrocos-Nigéria (resultado 3-1, em Diredawa).